



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de atividade no Brasil, com destaque para o índice IBC-Br do BC. Nos EUA, principais bancos do país divulgam resultados do 4T25.

- A agenda da semana traz uma série de indicadores de atividade da economia brasileira referentes ao mês de novembro, com destaque para o índice IBC-Br do Banco Central.** O indicador será divulgado na sexta-feira (16) e tem expectativa de alta de 0,3% no mês, segundo o consenso do mercado. Caso se confirme, o IBC-Br voltará a crescer após uma sequência de cinco quedas nos últimos seis meses. Contudo, a alta não deve alterar a percepção de que o PIB seguiu em trajetória de desaceleração no 4º trimestre de 2025, com elevada probabilidade de registrar ligeira contração no período.
- O IBGE divulga os dados do setor de serviços e do varejo, que também devem trazer números positivos no mês.** O resultado dos serviços será divulgado na terça (13), com expectativa de alta de 0,1% em novembro, a décima seguida. O setor tem mostrado boa resiliência ao longo do ano, apesar do cenário de juros elevados, beneficiado pelo mercado de trabalho aquecido e avanço do segmento de tecnologia e informação (investimento em IA, nuvem, etc.). Já o varejo (ampliado) deve avançar 0,4% no mês, beneficiado pelas promoções da *Black Friday* e o crescimento recente das vendas de veículos (isenção IPI).
- Na semana, também serão conhecidos os dados de produção, vendas e exportação de veículos referentes ao ano de 2025.** Os números serão divulgados pelas associações do setor (Anfavea e Fenabrave) e devem apontar um crescimento modesto da produção no ano (após alta de 9,7% de 2024), refletindo, de um lado, o forte avanço das exportações (favorecidas pela retomada da economia Argentina) e alguma recuperação das vendas internas no 2º semestre (programa IPI Verde). Este movimento, contudo, foi limitado pela concorrência com veículos importados (elétricos da China, especialmente), que tem ganhado mercado no país, além da elevada taxa Selic, que encarece o financiamento e restringe a demanda por novos veículos.
- No cenário internacional, os agentes se voltam para dados de inflação e atividade nos EUA, com a normalização das divulgações após longo *shutdown*.** Destaque para a divulgação da inflação ao consumidor (CPI) de dezembro, que deve subir 0,3% no mês e permanecer estável em 2,7% nos últimos 12 meses. O núcleo do CPI, por sua vez, também deve ficar em 2,7% (ante 2,6%), se mantendo acima da meta de 2%, sugerindo pouco espaço para o Fed voltar a cortar os juros neste começo de ano. O resultado será divulgado na terça (13), enquanto na quarta (14) saem os números do PPI (inflação ao produtor).
- Os dados do varejo e da produção industrial devem trazer novos sinais de resiliência da economia dos EUA.** Na quarta (14), serão conhecidos os dados do varejo, cuja expectativa é de uma alta de 0,5% em novembro. No caso da indústria, cuja divulgação ocorre na sexta (16) e o dado é referente ao mês de dezembro, o consenso do mercado projeta alta de 0,1%.
- A semana marca o início da temporada de balanços corporativos do 4º trimestre de 2025 nos EUA, que, como de costume, será aberta pelas divulgações dos principais *players* do setor bancário.** Até o momento, as unidades de bancos de investimento tem impulsionado as receitas e os lucros no setor, em meio ao mercado de capitais aquecido no país. Por outro lado, o segmento do varejo tem mostrado números mais tímidos, embora com alguma recuperação recente da receita líquida de juros (NII), diante do alívio no custo de captação. Neste contexto, as atenções se voltam para entender se tal dinâmica se manteve no trimestre, e/ou se surgiram novos sinais de problemas no mercado de crédito privado (como reportado no trimestre passado), além das expectativas para 2026. O JP Morgan divulga seus resultados na terça (13), Citi, Wells Fargo e Bofa na quarta (14), e o Goldman Sachs finaliza a rodada na quinta (15).
- Por fim, na China serão divulgados os dados da balança comercial de dezembro na quarta-feira (14).** A expectativa do consenso de mercado é de acomodação no ritmo de crescimento das exportações, após retomada em novembro, diante do acordo com os EUA. Assim, as exportações devem subir 3,1% ante dez/24 (ante +5,9% em nov), enquanto a expectativa para as importações é de relativa estabilidade no mesmo comparativo (+0,9%), em mais um sinal de baixo dinamismo da demanda interna no país.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
Sem data	Fenabreve: Emplacamentos de Veículos	Dez/25	-	-5,8% a/a
13/jan	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Nov/25	0,1% m/m 2,9% a/a	0,3% m/m 2,2% a/a
15/jan	Anfavea: Produção de Veículos	Dez/25	-	-7,2% a/a
15/jan	IBGE: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC)	Nov/25	0,4% m/m -0,5% a/a	1,1% m/m -0,3% a/a
16/jan	BCB: Índice IBC-Br de Atividade Econômica	Nov/25	0,3% m/m 0,6% a/a	-0,3% m/m 0,4% a/a
16/jan	FGV: IGP-10	Jan/26	0,20% m/m -1,09% a/a	0,04% m/m -0,76% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
13/jan	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Dez/25	0,3% m/m 2,7% a/a	- 2,7% a/a
14/jan	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Dez/25	3,1% a/a 0,9% a/a	5,9% a/a 1,9% a/a
14/jan	EUA	Vendas de casas existentes	Dez/25	2,2% m/m	2,4% m/m
14/jan	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Nov/25	0,3% m/m 2,7% a/a	0,3% m/m* 2,7% a/a*
14/jan	EUA	Vendas no Varejo	Nov/25	0,5% m/m	0,0% m/m
15/jan	Zona do Euro	Produção Industrial	Nov/25	0,5% m/m	0,8% m/m
16/jan	EUA	Produção Industrial	Dez/25	0,1% m/m	0,2% m/m

Fonte: Bloomberg. *Dado de set/25.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Inflação traz novos sinais de acomodação e IPCA fecha 2025 no intervalo da meta

O IPCA subiu 0,33% em dezembro, em linha com o esperado pelo mercado, mantendo a trajetória de desaceleração do índice agregado e de suas principais métricas. Com o resultado, o indicador fechou o ano de 2025 com alta de 4,26%, abaixo do teto da meta estabelecida pelo CMN e do observado em 2024 (4,83%).

O dado de dezembro trouxe altas disseminadas entre os principais grupos do IPCA, algo típico para o período. O maior impacto veio dos transportes (+0,15 pp), que subiu 0,74% no mês, refletindo a alta das passagens aéreas (+12,61%), maior impacto individual no resultado do mês (+0,08 pp) e dos combustíveis (+0,45%). O grupo alimentação e bebidas subiu 0,27% em dezembro, com alta tanto na alimentação fora do domicílio (+0,60%) como no domicílio (+0,14%), neste caso, interrompendo uma sequência de seis meses seguidos de deflação, com altas relevantes em tubérculos (+1,68%) e frutas (+1,26%). Por outro lado, o grupo habitação registrou deflação de 0,33%, puxado pela queda da energia elétrica residencial (-2,41%), refletindo a vigência da bandeira tarifária amarela em dezembro, após bandeira vermelha patamar 1 em novembro (de maior custo).

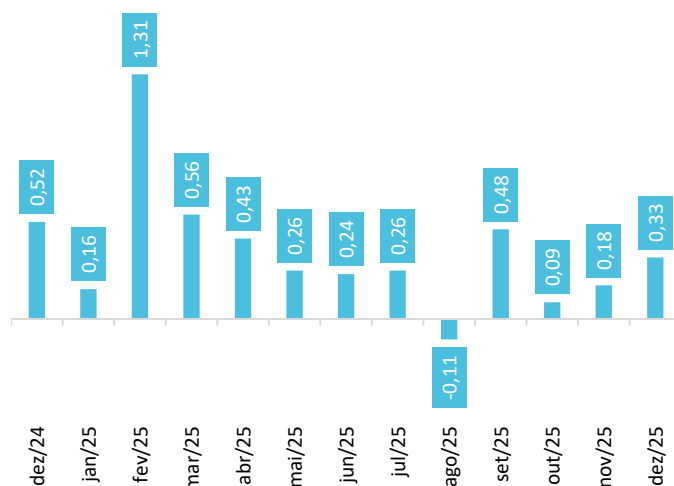
No ano, o principal responsável pela desaceleração do índice foi o subgrupo alimentos no domicílio, que fechou 2025 com alta de apenas 1,42%, ante 8,22% em 2024, com destaque para a forte deflação dos cereais e leguminosas (arroz/feijão), que recuaram 23,4% no ano. O movimento pode ser explicado pela apreciação cambial, super safra e queda dos preços das *commodities* agrícolas. Os bens industriais também desaceleraram no ano e fecharam 2025 com alta de 2,36%, ante 2,88%, beneficiados pela apreciação cambial e deflação importada de produtos chineses.

Por outro lado, a inflação de serviços acelerou de 4,74% para 6,0%, enquanto o núcleo dos serviços ficou relativamente estável, em 5,87% (ante 5,84%). Destaque para a intensa aceleração da inflação do subgrupo recreação (+6,69%, ante 1,52%), que contempla itens como hospedagem e pacotes turísticos, reforçando o papel do mercado de trabalho aquecido e da resiliência da atividade como vetores que tem dificultado uma desaceleração mais expressiva da inflação.

Neste contexto, a média dos núcleos (acum. 12 meses) seguiu em desaceleração na margem, passando de 5,09% em setembro (pico), para 4,61% agora em dezembro, embora ainda acima do nível de fechamento de 2024 (4,34%).

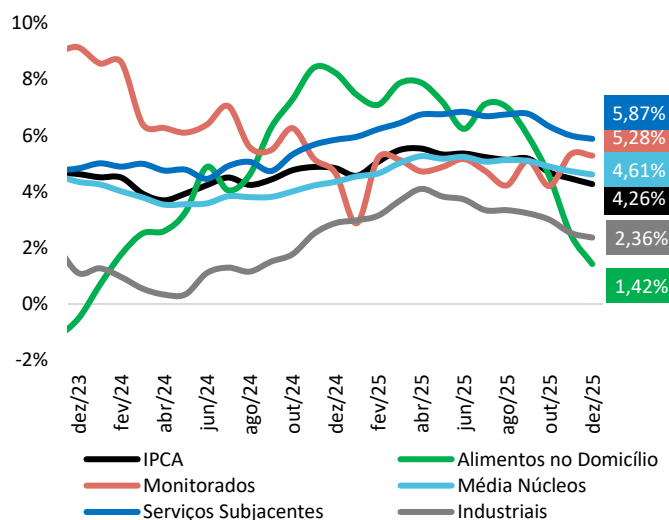
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: IPCA - Var.% Mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Aberturas Var.% Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

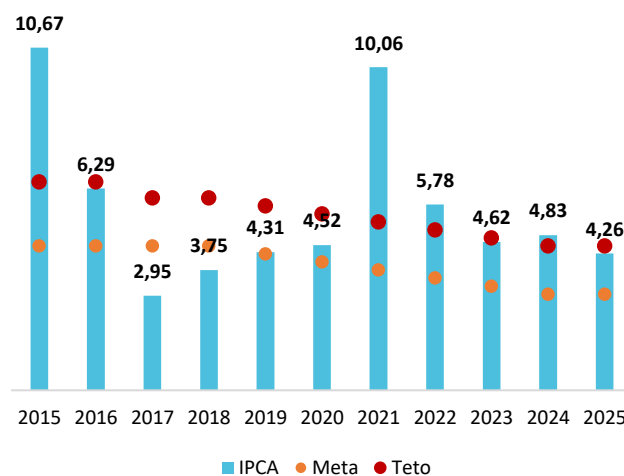
Portanto, a inflação seguiu em trajetória de acomodação em dezembro, permitindo que o índice fechasse o ano dentro do intervalo da meta. Contudo, parte relevante de tal movimento refletiu a apreciação cambial, enquanto a inflação de itens mais sensíveis à atividade (serviços) segue ainda pressionada. Em 2026, a inflação deve seguir em desaceleração, mas de forma menos acentuada, se mantendo acima do centro da meta de 3%.

A produção industrial ficou estável (0,0%) em novembro, segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF) do IBGE. O resultado ficou ligeiramente abaixo do consenso de mercado (+0,1%) e deixou um carregamento estatístico de 0,1% para o 4T25, trazendo novos sinais de baixo dinamismo do setor ao longo do ano.

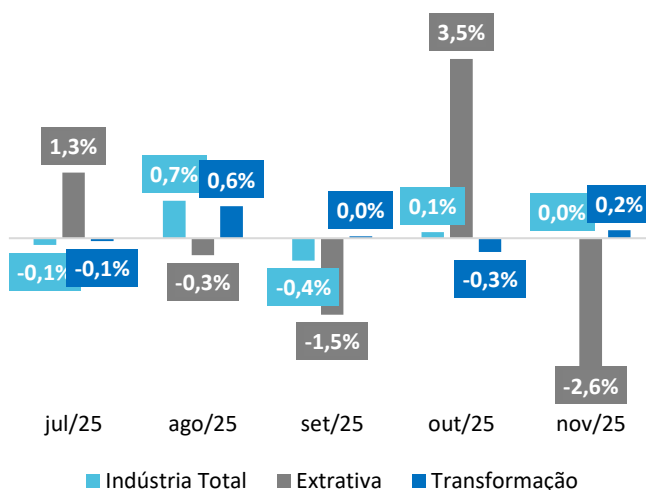
Em novembro, duas das quatro grandes categorias apresentaram números negativos: bens intermediários (-0,6%), que registrou a terceira queda consecutiva; e, bens duráveis (-2,5%), que praticamente reverteu a alta de outubro (+2,8%). Por outro lado, houve expansão na produção de bens de capital (+0,7%) e de consumo semi e não duráveis (+0,6%), sinalizando uma demanda final ainda resiliente no encerramento de 2025, dado o baixo desemprego.

Dentre as atividades, a Indústria Extrativa recuou 2,6% no mês, revertendo parte do crescimento de outubro (+3,5%). Apesar disso, o segmento acumula alta de 3,6% nos últimos 12 meses, sendo o principal vetor positivo da indústria no ano, beneficiado pelo crescimento da extração de petróleo. Já a Indústria de Transformação avançou 0,2% no mês, influenciada pelas altas da fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (+9,8%), metalurgia (+1,8%) e produtos de metal (+2,7%). Por outro lado, as atividades de fabricação de alimentos (-0,5%), veículos (-1,6%) e produtos químicos (-1,2%) deram as principais contribuições negativas no mês. No acumulado em 12 meses, a Transformação registra crescimento de apenas 0,2%, após alta de 3,7% em 2024, mostrando forte desaceleração no ano em função da política monetária restritiva.

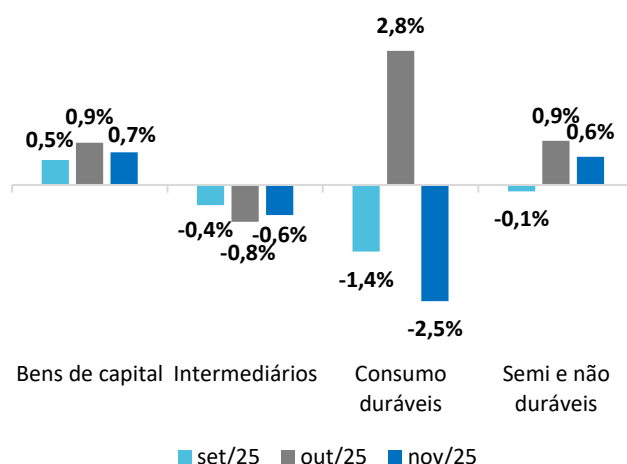
No geral, a divulgação trouxe novos sinais de arrefecimento da indústria. Na comparação interanual, a produção recuou 1,2% frente a novembro de 2024, enquanto no acumulado de 12 meses a alta é de apenas 0,7%, redução de 0,2 p.p. em relação a outubro e bem abaixo da expansão de 2024 (+3,1%). Além disso, o setor deve registrar o quinto trimestre consecutivo próximo à estabilidade, reforçando a percepção de relativa estagnação da indústria ao longo de 2025.

Quadro 3: IPCA - Var.% Anual


Fonte: IBGE

Quadro 4: Produção Industrial - Var.% Mensal


Fonte: IBGE

Quadro 5: Produção Industrial por Grandes Categorias - Var.% Mensal


Fonte: IBGE

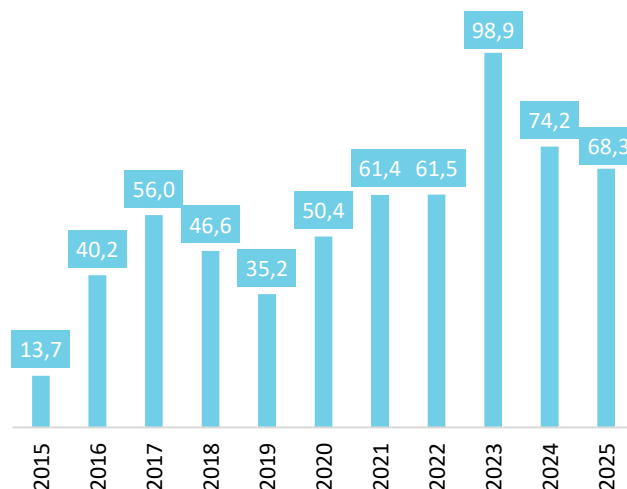
A balança comercial registrou superávit de US\$ 9,6 bilhões em dezembro, encerrando o ano de 2025 com saldo positivo de US\$ 68,3 bi, abaixo dos resultados de 2023 e 2024, que registraram superávits de US\$ 98,9 bi e US\$ 74,2 bi, respectivamente.

Avaliando apenas o mês de dezembro, as exportações cresceram 19,1% ante o mesmo período do ano anterior, maior taxa de expansão em dois anos. O crescimento foi liderado por itens extrativos e agropecuários, com alta relevante na receita obtida com a venda de petróleo (+74%), soja (+73,9%), carne bovina (+70,5%) e café torrado (+52,9%). A elevação das exportações teve como destino a China (+39,1%) e a União Europeia (+39,1%). Já as importações avançaram apenas 0,9% na mesma base de comparação, trazendo novos sinais de acomodação, com queda em bens intermediários (-6,9%).

No acumulado do ano, a redução do saldo ante o ano anterior decorreu do aumento das importações em maior proporção do que as exportações. As importações somaram US\$ 280,4 bi, alta de 6,7% ante 2024. Este aumento foi impulsionado pelo crescimento de mais de dez vezes no valor importado de plataformas de petróleo, que atingiram US\$ 5,4 bi, resultando na expressiva alta da compra de bens de capital (+23,7%). Contudo, vale notar que, mesmo sem tal fator, as importações teriam crescido 4,6% no ano, indicando que o avanço foi disseminado entre as categorias, dada a demanda interna resiliente. As exportações somaram US\$ 348,7 bi em 2025, com aumento de 3,5% ante 2024. Este crescimento foi liderado pelas vendas de carne bovina (+42,5%) e café (+31,1%). Por outro lado, destaque negativo para as vendas de açúcar (-24,1%), afetado pelo aumento das tarifas comerciais dos EUA. A China ampliou sua relevância como a principal parceira comercial do Brasil, representando 28,7% das nossas exportações (ante 28,0%). Os EUA, por sua vez, perderam importância, passando de 12,0% para 10,8% do total exportado pelo Brasil, devido à questão tarifária.

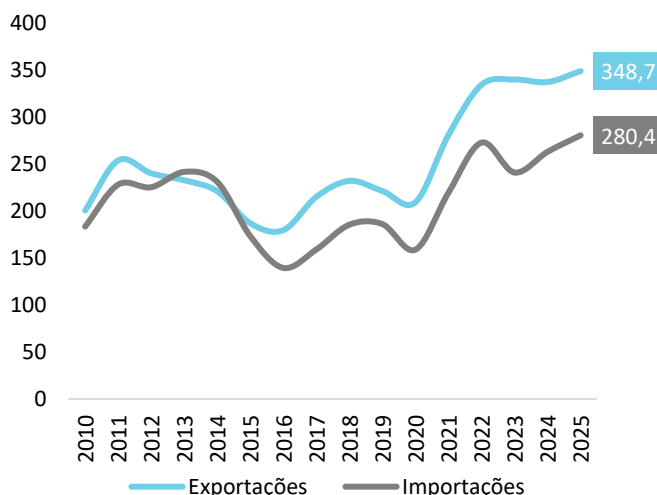
Para 2026, a expectativa é que o saldo comercial fique relativamente próximo ao observado em 2025. As exportações podem se beneficiar da provável assinatura do acordo entre o Mercosul e a União Europeia e do avanço das negociações para a redução das tarifas dos EUA para o Brasil. Contudo, o menor crescimento da safra agrícola e o aumento do protecionismo no mundo (ex. imposição de cotas para importação de carne pela China) são fatores que limitam potenciais ganhos. Já as importações devem seguir em acomodação, em linha com a desaceleração da atividade econômica doméstica.

Quadro 6: Saldo Comercial Acumulado no ano – em US\$ bilhões



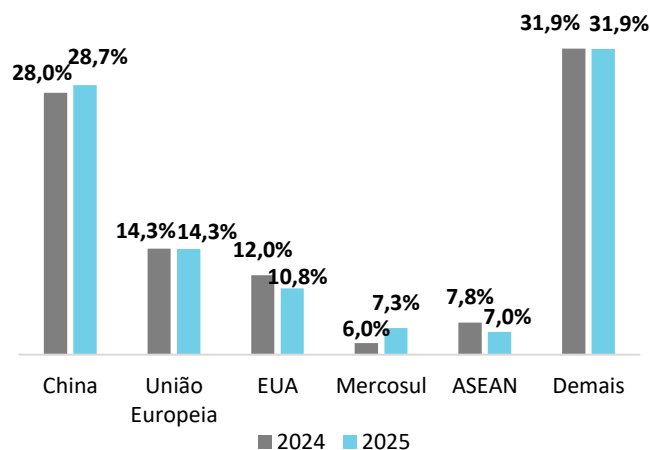
Fonte: Secex

Quadro 7: Exportações e Importações Acumulado no ano – em US\$ bilhões



Fonte: Secex

Quadro 8: Destino das Exportações do Brasil Em Part.% do Total



Fonte: Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Ativos de risco sobem e ignoram tensões geopolíticas na Venezuela e no Irã

A primeira semana completa de 2026 foi marcada pela invasão da Venezuela pelos EUA, que capturou e prendeu Nicolás Maduro para julgamento em território norte-americano. Apesar das tensões geopolíticas, os efeitos sobre o preço do petróleo foram limitados, com o barril (tipo *Brent*) subindo cerca de 5,0% na semana. Contudo, o movimento refletiu mais as preocupações com a oferta da *commodity* vinda do Irã, que lida com protestos internos e com a ameaça de um novo tarifaço de Trump a países que comprarem petróleo russo. No caso da Venezuela, sua produção atualmente é de cerca de 1% do petróleo consumido globalmente, apesar de suas grandes reservas. Já o Irã representa cerca de 3% da produção global do produto.

As principais bolsas e índices acionários, por sua vez, fecharam a semana em alta. Neste caso, houve otimismo com algumas ações do setor de tecnologia. Por outro lado, o mercado reduziu as apostas em novos cortes de juros pelo Fed no curto prazo, diante dos sinais de resiliência do mercado de trabalho nos EUA.

O *payroll* registrou criação de 50 mil vagas no mercado de trabalho norte-americano em dezembro, ficando aquém das expectativas (+70 mil). Contudo, a divulgação trouxe números mistos, ao apontar, por exemplo, que a taxa de desemprego caiu 0,1 pp no mês, fechando 2025 em 4,4% (ante 4,1% em dez/24), enquanto os ganhos salariais anuais voltaram a acelerar em base anual para 3,8% (ante +3,6% em nov/25). Quanto às expectativas, a leitura final do índice PMI do setor de serviços deu sinais de alguma moderação do setor em dezembro. O indicador atingiu 52,5 pts, menor patamar desde abr/25. Do ponto de vista qualitativo, houve queda na percepção de “novos negócios” e alta incerteza sobre a demanda futura por serviços.

Na Zona do Euro, a prévia da inflação ao consumidor (CPI) de dezembro subiu 0,2% no mês, fechando 2025 com alta de 2,0% (ante 2,1% em nov/25 e 2,4% em 2024), exatamente na meta de inflação estabelecida pelo BCE, o que sugere manutenção dos juros na região por algum tempo.

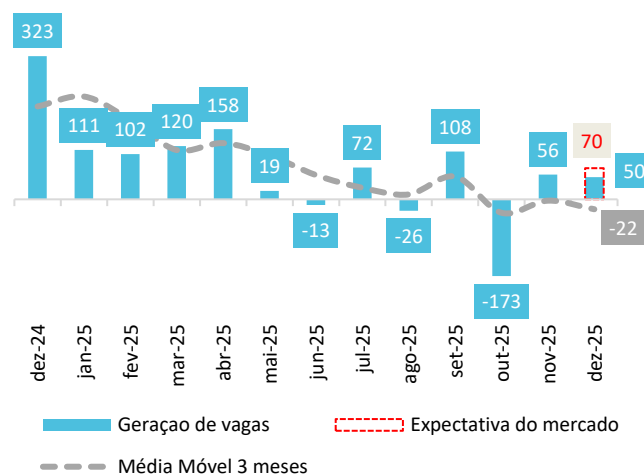
Na China, os índices de preços de dezembro se mantiveram em baixo nível, trazendo novos sinais de falta de dinamismo da demanda interna. O CPI acumulou alta de 0,8% no ano (ante 0,7% em novembro), enquanto os preços ao produtor (PPI) seguem em deflação (-1,9%).

Quadro 9: Preço do Barril de Petróleo (tipo Brent) Em US\$



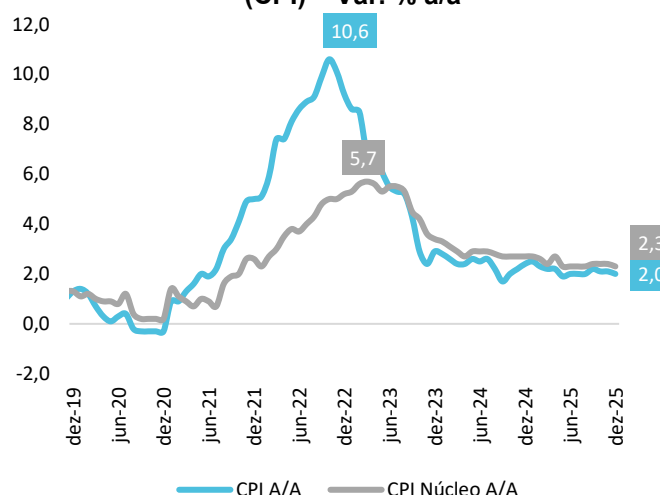
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg

Quadro 11: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Crescimento do saldo de crédito deve desacelerar para 8,2% em 2026

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 20 bancos entre 17 e 19 de dezembro, elevou a expectativa de crescimento da carteira de crédito total de 2025 para 9,2% (ante 8,9% na pesquisa anterior). Para 2026, a expectativa é de continuidade do movimento de desaceleração gradual do crédito, com um crescimento estimado de 8,2%.

A projeção está em linha com os números recentes do crédito, cujo crescimento tem se mantido próximo à faixa de dois dígitos, mesmo com o elevado nível da taxa Selic. Em novembro, o BC apontou que o saldo de crédito total registrou expansão anual de 9,5%, sustentado pelos programas governamentais para as MPMEs e linhas de consumo para as famílias.

Para 2025, o resultado reflete o aumento da expectativa de crescimento do crédito direcionado, com a projeção subindo de 10,1% para 10,9%. Esse movimento é explicado pelo crédito PJ (15,3%, ante 13,6%), que segue com alto nível de expansão, sustentado pelos programas governamentais. Na carteira Direcionada PF, a expectativa de crescimento também subiu, de 8,4% para 8,7%, refletindo a resiliência do crédito habitacional, compensando o menor dinamismo do crédito rural.

Na carteira livre, a expectativa de crescimento caiu marginalmente de 8,1% para 8,0%. A revisão decorreu do menor

crescimento esperado para a carteira PJ, que recuou de 5,1% para 3,6%, em razão da majoração do IOF e da concorrência com as operações direcionadas e o mercado de capitais. Já a projeção de crescimento da carteira Livre PF avançou de 10,3% para 11,0%, em função do bom dinamismo apresentado pela carteira neste ano, embora com uma piora de composição (aumento de linhas rotativas).

A trajetória da taxa de inadimplência segue como um ponto de atenção. A projeção do indicador para a carteira com recursos livres em 2025 permaneceu em 5,1%, enquanto para 2026, subiu para 5,2% (ante 5,1%). Este patamar é um pouco inferior ao reportado pelo Banco Central para o mês de outubro, quando a taxa ficou em 5,3%.

Para 2026, a pesquisa também captou um aumento na projeção de crescimento do saldo de crédito total, que subiu de 7,9% para 8,2%, com melhora tanto na carteira livre (de 7,4% para 7,6%) quanto direcionada (de 9,0% para 9,4%). Na comparação com 2025, a desaceleração esperada para este ano é mais intensa na carteira Direcionada PJ, dada a elevada base de comparação do segmento, que sairia de uma alta de 15,3% em 2025 para 9,1% neste ano.

O resultado oficial de 2025 será divulgado pelo BC no dia 29 de janeiro. O Quadro 12 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 12: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2025		2026	
	Pesquisa Nov/25	Pesquisa Dez/25	Pesquisa Nov/25	Pesquisa Dez/25
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,9	9,2	7,9	8,2
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	8,1	8,0	7,4	7,6
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	5,1	3,6	5,9	6,2
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,3	11,0	8,5	8,6
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	10,1	10,9	9,0	9,4
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	13,6	15,3	9,1	9,7
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,4	8,7	8,8	9,1
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	5,1	5,1	5,1	5,2

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

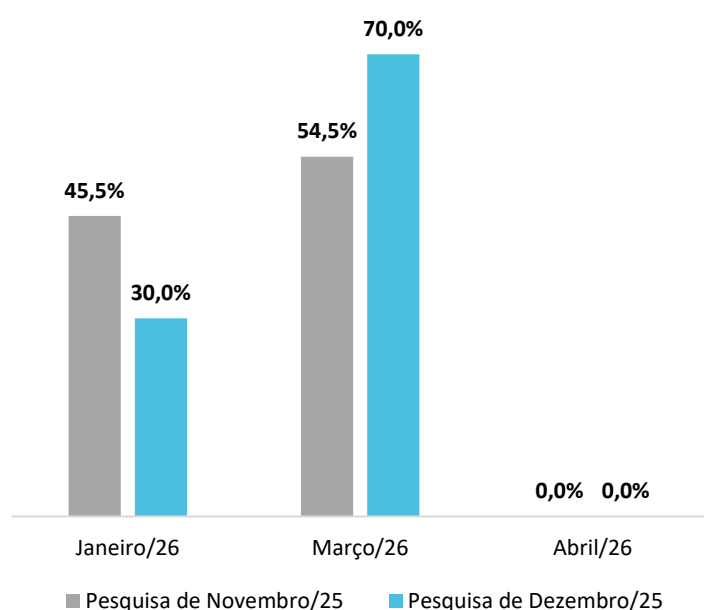
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- Aumentou a percepção de que o Copom deve iniciar o ciclo de flexibilização da taxa Selic apenas em março. Agora, 70% dos participantes esperam esse movimento, ante 54,5% na Pesquisa anterior (novembro). Assim, a taxa Selic deve permanecer em 15% a.a. na reunião de janeiro, com reduções consecutivas de 0,50 pp a partir da reunião de março.
- 50% dos participantes possuem expectativa de inflação para 2026 em linha com o consenso do mercado, que deve permanecer acima da meta devido aos estímulos fiscais e de crédito. Por outro lado, 35% projetam uma inflação abaixo do consenso, sugerindo uma continuidade do viés de queda das projeções.
- Em relação à atividade, a Pesquisa captou uma melhora do sentimento dos participantes para 2026. O percentual de analistas que projetam um crescimento de 1,8% para o ano subiu de 36,4% para 55%. Por outro lado, caiu de 45,5% para 30% a proporção daqueles que esperam um crescimento inferior ao esperado pelo consenso do mercado.

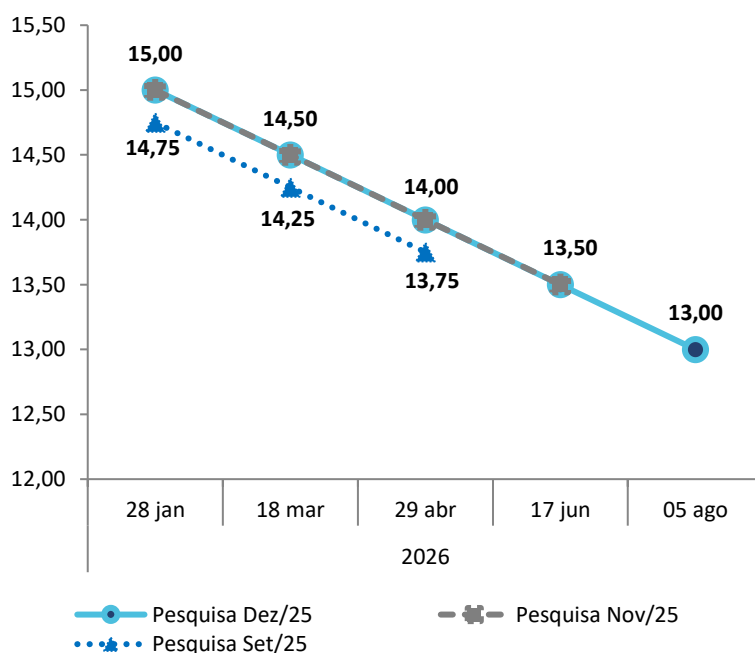
- Apesar de nenhum participante esperar que o governo descumpra a meta fiscal de 2026, 80% acreditam que o governo precisará de medidas adicionais para cumprir a meta, sendo que 45% esperam que agenda seja focada em medidas do lado das despesas (bloqueios e contingenciamentos, ou ainda, retirada de despesas do arcabouço fiscal, por ex.).
- Quanto ao mercado de crédito, uma parcela expressiva (73,7%) dos analistas acredita que o saldo total deve desacelerar apenas de forma gradual em 2026. Na pesquisa anterior, esse percentual era de 81,8%. Além disso, 15,8% dos participantes esperam que o crédito mantenha o ritmo atual de expansão no próximo ano.
- Nos EUA, a maior parte (60%) dos participantes espera que o Fed realize dois cortes de 0,25 p.p. nos Fed Funds em 2026, em razão da moderação da atividade econômica e do mercado de trabalho do país, embora a inflação acima da meta não deve permitir um ciclo tão agressivo.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 13: Expectativa de início do ciclo de corte de juros pelo Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 14: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Dez/25

A caderneta de poupança registrou captação líquida positiva de R\$ 5,4 bilhões em dezembro, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). O resultado positivo em dezembro é comum, beneficiado pelo recebimento do 13º salário pelos trabalhadores. Com isso, interrompeu uma sequência de cinco meses consecutivos de saques líquidos na modalidade. A captação líquida de recursos em dez/25 foi próxima a observada em dez/24 (R\$ 5,2 bi, já ajustada pela inflação), mas bem abaixo do observado no mesmo mês de 2023 (R\$ 15,1 bi).

A caderneta de poupança fechou o ano de 2025 com resgate líquido de R\$ 87,5 bi (ou -0,67% do PIB). Esse patamar é um pouco inferior aos dos anos de 2022 (-1,0% do PIB) e 2023 (-0,8% do PIB), mas bem pior do que o registrado em 2024 (-0,1% do PIB). Assim, apesar da baixa taxa de desemprego, as altas taxas de juros contribuíram com o movimento estrutural de migração de recursos da caderneta para outras formas de investimentos.

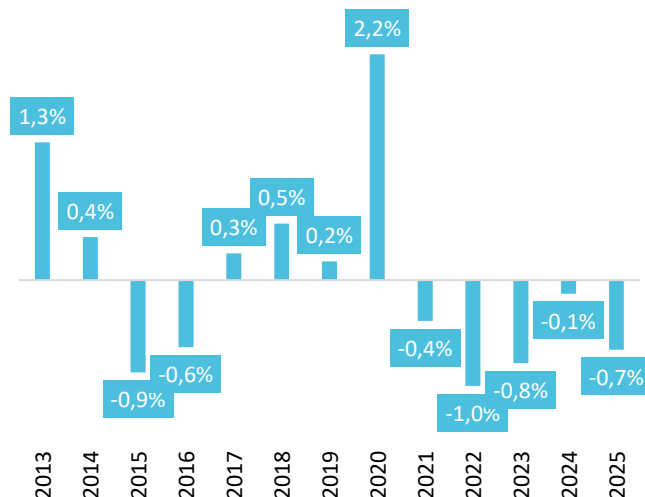
Desta forma, a caderneta fechou 2025 com saldo de R\$ 1,022 tri, pouco abaixo do registrado em 2024, de R\$ 1,032. Assim, em relação ao PIB, a modalidade seguiu perdendo participação, atingindo 8,1%, ante 8,8% em 2024 e 13,6% na máxima histórica atingida em 2020.

Com isso, tem havido uma mudança considerável na composição dos depósitos bancários nos últimos anos (Quadro 17). Até 2018, a caderneta de poupança representava 34,6% do total de depósitos (à vista, a prazo e poupança). Desde então, tem perdido participação de forma acentuada, representando apenas 16,8% agora em dezembro. Na mesma direção, os depósitos à vista também tem perdido relevância, mas de forma menos intensa (de 8,3% para 5,4%). Por outro lado, a participação dos depósitos a prazo subiram de 43,9% para 59,4%, enquanto as letras de crédito (Agrícola – LCA e Imobiliária – LCI) já representam 18,4% do total (ante 13,2%). Esse movimento pode ser explicado pelo maior acesso às plataformas de investimento pela população e pelo ambiente de elevadas taxas de juros, que estimula a busca por depósitos com maior rentabilidade.

Em resumo, o Relatório de Poupança mostra que a caderneta segue perdendo espaço para outros investimentos. Diante disso, será importante acompanhar em 2026 os desdobramentos do novo modelo de financiamento de crédito imobiliário que iniciará sua fase de transição neste ano e, passará a ter vigência plena a partir de 2027. O modelo altera o papel da poupança, que deixará de ser uma fonte de *funding* para se tornar uma fonte de equalização dos juros para o crédito habitacional.

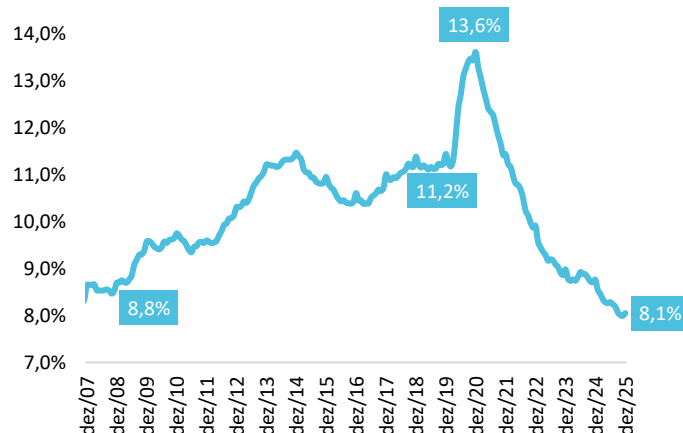
CRÉDITO / BANCOS

Quadro 15: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Ao Ano - Em % do PIB



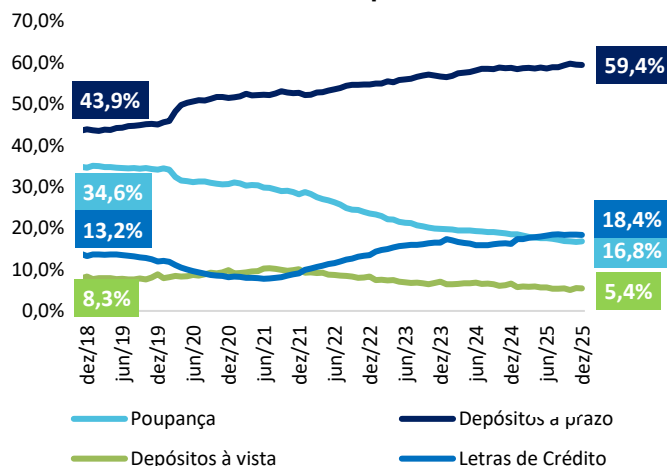
Fonte: Bacen.

Quadro 16: Saldo da Caderneta de Poupança Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 17: Evolução da participação das diversas modalidades de depósitos – Em %



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Seleccionados	2026				2027			
	09/01/26	02/01/26	12/12/25	Viés	09/01/26	02/01/26	12/12/25	Viés
IPCA (%)	4,05	4,06	4,10	▼	3,80	3,80	3,80	↔
PIB (% de crescimento)	1,80	1,80	1,80	↔	1,80	1,80	1,83	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,25	12,25	12,13	↔	10,50	10,50	10,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,50	5,50	5,50	↔	5,50	5,50	5,50	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	09/01/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,37	-1,08%	-1,99%	-1,99%	-11,11%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	136,74	-0,62%	-1,27%	-1,27%	-28,37%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,89	-0,09%	-0,09%	-0,09%	19,42%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,72	0,25%	-0,61%	-0,61%	-8,30%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,36	0,28%	-0,84%	-0,84%	-11,14%
Índice Ibovespa (em pontos)	163.370,31	1,76%	1,39%	1,39%	36,39%
IFNC (setor financeiro)	17.680,32	2,80%	2,22%	2,22%	48,13%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,53	1,69%	2,43%	2,43%	-19,34%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,17	-0,61%	1,05%	1,05%	-12,48%
Dollar Index	99,13	0,72%	0,91%	0,91%	-9,59%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.966,28	1,57%	1,02%	1,02%	19,55%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	170,61	2,12%	3,06%	3,06%	35,46%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	129,40	3,64%	3,31%	3,31%	12,16%
Índice Euro Stoxx 50	5.997,47	2,51%	3,47%	3,47%	20,50%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	267,04	0,03%	1,23%	1,23%	78,04%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	63,34	4,26%	2,29%	2,29%	-20,59%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins